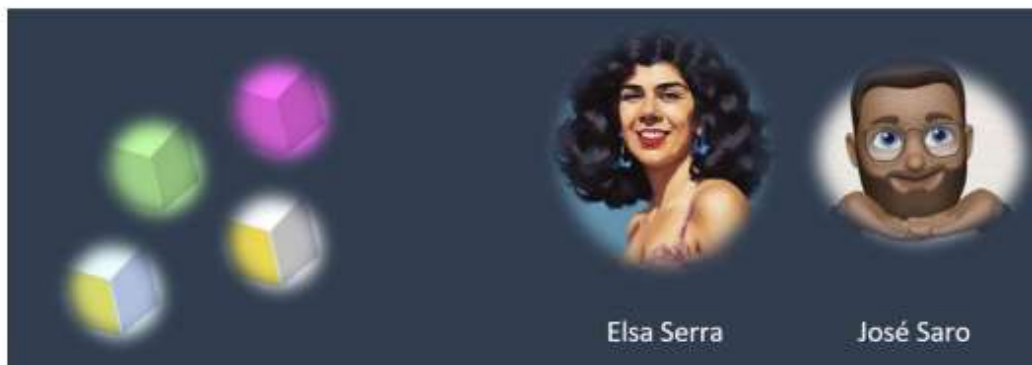


HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



Tarefa 1

- (1) Escolha uma palavra que tenha o poder da inclusão. Explique os motivos da escolha. Registe as palavras de todos e com 9 palavras (para além da sua), elabore um poema que sirva a sua apresentação. Fale-nos de si através do poema.
- (2) Escolha um texto narrativo (para partilha na próxima sessão) em que estejam representadas outra(s) cultura(s) com o valor da inclusão. Selecione capítulo/excerto exato/s que seja(m) decisivo(s) para promover o gosto pela leitura.

1. Palavras: acolher, todos, empatia, respeito, escutar, afetos, história, sonho, música, partilhar, tolerância, diversidade, abraçar, vida, relação, valorizar, árvore, mar, individualidade, envolvimento, aceitar, brincar, amizade, amor

A cada passo que dou, acolho com amor,
Abraço histórias, compartilho calor.
Cada encontro um momento de afeto
Partilho sonhos, de coração repleto.

Recebo com sorriso aberto
Os que se cruzam no meu caminho,
Nada tomando como certo,
Nunca deixando deserto
Aquele que está sozinho.

Envolve todos a brincar,
Com respeito e empatia.
A sua música consigo escutar,
Aceitando todos com alegria,
No meu pequeno mundo
Onde a amizade é sinfonia.

2. Selecionei a obra "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá", de Jorge Amado.

O amor entre o Gato Malhado e a Andorinha Sinhá é o ponto central da narrativa. A dinâmica entre os dois pode ser interpretada como uma representação da intolerância e do preconceito que surgem quando indivíduos de diferentes origens, culturas ou aparências tentam relacionar-se. A história, portanto, pode ser vista como uma reflexão sobre a importância da aceitação das diferenças e do respeito mútuo.

"O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" transmite uma mensagem sobre a inclusão e a valorização da diversidade, sugerindo que o amor e a amizade podem transcender as barreiras impostas pela sociedade.

Excerto:

"Devo dizer, para ser exato, que o Gato Malhado não tomava conhecimento do mal que falavam dele. Se o sabia não se importava, mas é possível que nem soubesse que era tão mal visto, pois quase não conversava com ninguém, a não ser, em certas ocasiões, com a Velha Coruja. Aliás, a Coruja, cujas opiniões eram muito respeitadas devido à sua idade, costumava dizer que o Gato Malhado não era tão mau assim, talvez tudo isso não passasse de incompreensão geral. Os demais ouviam, balançavam a cabeça, e, apesar do respeito que tinham à Coruja, continuavam a evitar o Gato Malhado.

Assim vivia ele quando a Primavera entrou pelo parque adentro, num espalhafato de cores, de aromas, de melodias. Cores alegres, aromas de entontecer, sonoras melodias. O Gato Malhado dormia quando a Primavera irrompeu, repentina e poderosa. Mas sua presença era tão insistente e forte que ele despertou do seu sono sem sonhos, abriu os olhos pardos e estirou os braços. O Pato Negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto porque teve a impressão de que o Gato Malhado estava sorrindo. Fixou o olhar, chamou a atenção da pequena Pata Branca:

- Não parece que ele está rindo?
- Santo Deus! Está rindo mesmo...

Jamais o tinham visto rir. A pequena Pata Branca necessitou botar a mão sobre o coração, tão espantada estava com aquele riso na boca feroz do Gato Malhado. Ria pela boca, e, o que era ainda mais inexplicável, ria pelos olhos pardos também.

De repente rebolou-se na grama como se fora um jovem gato adolescente, soltou um miado que mais parecia um gemido. Foi uma emoção geral pelo parque. A Galinha Carijó, que passava perto com sua doirada ninhada de pintos, gritou:

- Ui! - e desmaiou nos braços dos filhos."

Jorge Amado, **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**,
Publicações Europa-América, 1995 (págs. 22-23)